



Wesley Pereira dos Santos

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

IMPACTOS AMBIENTAIS DO DESTINO INADEQUADO DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO MORTOS: uma análise a partir da perspectiva de especialistas

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Rodrigues

Naviraí-MS

2023



IMPACTOS AMBIENTAIS DO DESTINO INADEQUADO DE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO MORTOS: uma análise a partir da perspectiva de especialistas

Wesley Pereira dos Santos

RESUMO

O mercado *pet* no Brasil atingiu faturamento de 42 bilhões de reais em 2022, um aumento significativo de 17,2% em relação ao ano anterior, se constituindo como terceiro maior mercado *pet* global; com 167,6 milhões de animais de estimação, sendo 60% cães e gatos, a presença desses companheiros é uma parte essencial da cultura brasileira (ABINPET, 2023). O objetivo deste trabalho foi investigar os impactos ambientais decorrentes do descarte inadequado de animais de estimação mortos. A pesquisa, conduzida em Naviraí (MS), adota abordagem qualitativa, exploratória e interpretativa, envolvendo entrevistas, pesquisa bibliográfica e análise de dados. A pesquisa busca promover uma compreensão abrangente dos desafios ambientais relacionados ao descarte inadequado de animais de estimação, enfatizando a necessidade urgente de práticas mais responsáveis, políticas públicas eficientes e conscientização da sociedade. A implementação de um crematório acessível representa uma possível solução, eficaz e ética, para lidar com os desafios do descarte ético de animais mortos. Este enfoque não só atende às rigorosas exigências ambientais e sanitárias, mas também responde à imperativa necessidade de tornar esses serviços acessíveis a todos os estratos sociais. A ampliação da divulgação do serviço da coleta de animais mortos, bem como campanhas educativas para sensibilizar a população sobre os perigos do descarte inadequado desses animais mortos.

Palavras-chave: Mercado pet; Meio ambiente; Mercado da morte.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, em 2022, o faturamento da indústria *pet* foi de aproximadamente 42 bilhões de reais, um crescimento de 17,2% quando comparado ao ano anterior. Esse crescimento se demonstra também à nível mundial, já que o Brasil ocupa a terceira colocação em faturamento (4,95%), ficando atrás da China (8,7%) e dos EUA (43,78%), um mercado que movimentou 149,8 bilhões de dólares em 2022. O que chama atenção é que o Brasil não figurava nem entre os TOP 10 até 2016 (ABINPET, 2023). Ou seja, é um mercado em franca expansão.

A população estimada de animais de estimação (PETS) chega a 167,6 milhões de animais, sendo que do total, 67,8 milhões são cães e 33,6 milhões são gatos, o que somados correspondem a mais de 60% do total (ABINPET, 2023). Ou seja, considerando que a população brasileira passa de 203 milhões de pessoas, conforme dados do Censo 2002 (IBGE, 2023), em boa parte da casa dos brasileiros é bem provável que exista um animal de estimação.



A partir desses dados, pode-se considerar que esse vínculo entre o tutor e o animal de estimação é característico da identidade do brasileiro, ou seja, faz parte da cultura do brasileiro.

A convivência com animais de estimação, como cães e gatos, é parte significativa da vida de muitas pessoas, tanto no mundo como no Brasil. Enquanto esses “companheiros de quatro patas” enriquecem nossas. Contudo, quando os animais de estimação morrem, o tutor depara-se com uma série de questões relacionadas ao destino dos restos mortais. A maneira como lida-se com essa questão tem implicações ambientais significativas que costumam passar despercebidas.

O tema do descarte inadequado de animais de estimação e os respectivos impactos no meio ambiente foi abordado anteriormente por outros pesquisadores. Bentubo et. Al (2007) pesquisaram sobre a expectativa de vida e causa de morte em cães na área metropolitana de São Paulo e concluíram que doenças infecciosas são a principal causa de morte, seguidas das neoplasias e dos traumatismos. Batista *et. al* (2016) pesquisaram a *causa mortis* de cães e gatos necropsiados no setor de patologia da Universidade Federal do Piauí e concluíram que as principais *causas mortis* foram as infecções.

O problema central desta pesquisa reside na falta de conscientização e na ausência de práticas ambientalmente responsáveis relacionadas ao descarte de animais de estimação mortos. Isso resulta em uma série de impactos ambientais negativos, incluindo a contaminação do solo e da água, a disseminação de doenças, a poluição atmosférica e a falta de regulamentação eficaz, criando um desafio crescente para a sustentabilidade ambiental e a saúde pública.

Assim, este artigo tem como objetivo pesquisar os impactos ambientais decorrentes do destino inadequado de animais de estimação mortos. A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Naviraí (MS), tendo como foco a percepção de especialistas, tanto envolvidos na esfera pública, quanto no meio privado, bem como no terceiro setor. De forma complementar, busca-se compreender a necessidade de adoção de políticas públicas para mitigação dos impactos ambientais, bem como de conscientização da sociedade a respeito do tema. Em tempo, a possibilidade da exploração econômica de oportunidades de negócio é considerada.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 MERCADO PET

Com mais de 132 milhões de animais de estimação, o Brasil é o terceiro maior mercado *pet* do mundo. Segundo estimativas, há mais cachorros do que crianças nos lares, sendo a média



de um *pet* para cada dois brasileiros. O país só perde para os EUA, que tem um animal de estimação por pessoa, e para a Inglaterra (ABINPET, 2017).

Esse crescimento expressivo pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo mudanças nas dinâmicas familiares, a busca por companhia, bem-estar emocional e uma maior conscientização sobre os benefícios que os animais de estimação podem proporcionar. Essa tendência posiciona o Brasil como um mercado promissor para a indústria *pet*, impulsionando o desenvolvimento de produtos e serviços voltados para atender às necessidades e preferências dos donos de animais de estimação; devido ao aumento do número de animais de estimação no Brasil, o mercado *pet* tornou-se uma promissora oportunidade de negócio para pequenos empreendedores brasileiros, e o mercado nacional de produtos e serviços desse setor segue a tendência mundial (Dalmas, 2019).

Uma pesquisa realizada em setembro de 2017, pelo SPC Brasil e CNDL (Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas), sob o título “Mercado de consumo *pet*”, analisa-se o perfil e os hábitos de compras de produtos e serviços para os animais de estimação. A pesquisa revela que, dos entrevistados, 76% têm um animal de estimação, sendo destes 50,2% são homens e 49,8% mulheres. Os animais são encontrados na classe C/D/E (54,4%) e os demais (45,6%) na classe A/B. A pesquisa revela que a “humanização” dos *pets* faz com que os donos gastem mais com produtos específicos para o animal, para que assim tenham uma alimentação saudável, cuidados com a saúde e conforto, para citar alguns exemplos (Lima 2017).

Esses serviços demonstram a demanda crescente por alternativas especializadas e de qualidade no cuidado e bem-estar dos animais de estimação. No mercado *pet*, chama atenção o aumento do *rol* de produtos e serviços disponibilizados. De furôs a salões de beleza para animais de estimação, acessórios, brinquedos educativos importados e roupas hipoalergênicas são fornecidos neste mercado (Batista, 2023).

O que se observa é a mudança de concepção sobre o animal de estimação. O tratamento de *pets* de forma análoga a seres humanos é um fenômeno cada vez mais comum e complexo. Algumas pessoas optam por tratá-los como membros da família, concedendo-lhes benefícios e cuidados semelhantes aos dados a seres humanos. Esse comportamento pode ser influenciado por diversos fatores, incluindo a busca por companhia, o vínculo emocional profundo com o animal e a valorização do bem-estar animal. Quando são tratados como seres humanos, eles podem receber atenção constante, alimentação adequada, cuidados médicos regulares, atividades recreativas, educação, bem como roupas e acessórios. Devido a esse convívio, os



cães hoje conseguem ter maior percepção e entendimento das rotinas de seus tutores, desenvolvem uma sensibilidade aos sinais do ambiente no qual estão inseridos (Santos, 2022).

Essa forma de tratamento reflete uma mudança na dinâmica entre humanos e animais de estimação, onde os pets são considerados parte da família. No entanto, é importante ressaltar que nem todos os proprietários de animais de estimação compartilham dessa visão. Alguns podem optar por um tratamento mais tradicional, respeitando as necessidades e características específicas de seus *pets*. Embora o tratamento de animais de estimação como seres humanos possa ser motivado por amor e carinho, os mesmos têm suas próprias necessidades e natureza, têm comportamentos e instintos diferentes dos seres humanos e exigem cuidados adequados para garantir seu bem-estar físico e emocional. Portanto, é importante encontrar um equilíbrio entre tratar os *pets* com amor e respeitar suas necessidades e natureza animal (Lima, 2015).

2.2 NOVAS FORMAS DE RELAÇÃO ENTRE TUTOR E PET

Nos últimos anos, tem havido uma mudança significativa na forma como os tutores se relacionam com seus *pets*. Os animais de estimação estão se tornando cada vez mais integrados à vida familiar e são vistos como membros queridos e respeitados. Algumas das novas formas de relação entre tutores e pets incluem companheirismo e vínculo emocional: Os tutores veem seus *pets* como companheiros leais e desenvolvem um forte vínculo emocional com eles. Os *pets* são vistos como fonte de conforto, apoio emocional e amizade (Santos, 2022).

Quando uma família, seja qual for sua modalidade, adota um animal de estimação como membro de seu núcleo familiar, identificam-se laços de afetividade. Pode-se visualizar nesta prática a ideia do filósofo australiano Singer, de que os humanos são especistas, pois dispõem de uma espécie em favor de outra, ou seja, permitem que os interesses próprios de uma espécie dominem os interesses maiores dos membros das outras espécies (Singer, 2017). Estudos indicam que o convívio com animais tende a manter a pressão arterial controlada, além de incentivar a atividade física regular, especialmente em caminhadas, e até aumentando o tempo de sobrevivência após doenças cardíacas (Elizeire, 2013). Ou seja, conviver com animais, para quem tem prazer, costuma fazer bem.

A interação entre ser humano e o companheiro animal personificado, tem peculiaridade que não são encontradas na relação com outra pessoa (Oliveira, 2013). Muitos tutores estão adaptando seus estilos de vida para acomodar as necessidades de seus *pets*, o que pode incluir atividades conjuntas, como caminhadas, exercícios, viagens e até mesmo a participação em eventos sociais específicos para *pets*. De forma geral, os tutores estão cada vez mais preocupados com o bem-estar e a qualidade de vida de seus pets. Eles investem em uma



alimentação saudável, cuidados veterinários regulares, brinquedos e acessórios adequados, além de proporcionar um ambiente seguro e confortável para seus animais de estimação (Dalmas, 2019).

Outro aspecto é o enfoque na saúde mental, reconhecendo que os *pets* também têm necessidades emocionais; os tutores estão prestando mais atenção à saúde mental de seus animais de estimação. A sensibilidade às necessidades de bem-estar dos animais é transversal aos estratos sociais, sendo que, classes menos favorecidas, existem altas densidades de animais de estimação, mesmo sem acesso a cuidados adequados e em classes mais favorecidas os animais dispõem de maiores cuidados e existe menor densidade de animais de estimação (Reichmann, 2000).

No que se refere às questões sociais, pode envolver a busca por atividades que estimulem o enriquecimento ambiental, como brincadeiras interativas, treinamento positivo e até mesmo terapia comportamental. Inclusão em eventos e ocasiões especiais. Os tutores estão incluindo seus *pets* em eventos e ocasiões especiais, como festas de aniversário, casamentos, sessões de fotos profissionais e até mesmo viagens. Isso reflete o desejo de envolver seus animais de estimação em momentos significativos e compartilhar a felicidade com eles; hoje, muitas pessoas moram sozinhas e, por isso, optam por adotar um animal de estimação para se sentirem acompanhadas e/ou seguras. Portanto, há a necessidade de cuidar deles e graças a esse cuidado ambos se aproximam, criando assim uma relação muito próxima entre eles (Graf, 2016).

Essas novas formas de relação entre tutores e *pets* são impulsionadas por uma maior conscientização sobre o bem-estar animal, a valorização do vínculo humano-animal e a compreensão de que os *pets* têm necessidades físicas, emocionais e sociais. Essas mudanças têm contribuído para uma vida mais enriquecedora e feliz tanto para os animais de estimação quanto para seus tutores, fortalecendo os laços de amor e cuidado mútuo.

2.3 IMPACTO AMBIENTAL DO DESCARTE INADEQUADO DOS PETS

O bem-estar dos animais de estimação ao longo de suas vidas é uma preocupação central para os proprietários responsáveis. No entanto, muitas vezes, a atenção ao bem-estar animal cessa após a morte do animal. O modo como os animais de estimação são tratados após o óbito não apenas reflete nossa consideração por esses companheiros leais, mas também tem implicações diretas no impacto ambiental. O destino inadequado dos animais de estimação após a morte pode gerar uma série de consequências negativas para o meio ambiente. O descarte inadequado, como o enterro em locais inapropriados ou o descarte em lixo comum, pode

resultar na contaminação do solo e dos recursos hídricos, comprometendo a qualidade da água e afetando a saúde ambiental (Gaedtke, 2017).

Pesquisadores estudam a questão do impacto ambiental do descarte inadequado de animais de estimação no meio ambiente, que, de forma direta ou indireta, são pertinentes ao presente estudo. Em relação às causas de morte em animais, em estudo realizado por Bentubo *et al* (2007), que teve como objetivo avaliar a expectativa de vida em cães na região metropolitana de São Paulo e as causas da sua morte, constatou-se que a expectativa de vida dos cães foi menor que a observada na literatura internacional e as causas mais importantes de mortalidade foram, em ordem decrescente de ocorrência, as doenças infecciosas, as neoplásicas e os traumas. A frequência de ocorrência de óbitos devido a doenças infecciosas em cães foi de 86/361 (23,82%). Destas parvovirose e a erliquiose foram as afecções mais frequentes, com, respectivamente 44/86 (51,16%) e 35/86 (40,69%) casos (Batista, 2016).

Importante salientar que a decomposição de animais mortos pode gerar emissões de gases de efeito estufa, contribuindo para as mudanças climáticas e o aquecimento global. Isso torna a escolha responsável do destino após a morte do animal relevante não apenas para o bem-estar animal, mas também para a saúde do planeta. Para garantir o bem-estar contínuo dos animais de estimação, é essencial adotar práticas de descarte adequadas, como a cremação, a incineração ou o enterro em locais designados, como cemitérios de animais. Essas abordagens não apenas honram o legado do animal, mas também reduzem significativamente os impactos ambientais negativos associados ao descarte inadequado (Motta, 2011).

Ao considerar o ciclo de vida completo dos animais de estimação, desde o cuidado durante sua vida até o destino após a morte, pode-se promover o bem-estar animal e, ao mesmo tempo, minimizar os impactos prejudiciais ao meio ambiente, contribuindo para uma sociedade mais responsável e sustentável. No que diz respeito aos animais de estimação, há semelhanças em vários aspectos com os processos de decomposição da matéria orgânica humana, incluindo a formação de necrochorume e a degradação por agentes necrófilos. No entanto, quando se trata dos microrganismos patogênicos encontrados nos corpos de animais de estimação, observam-se mudanças tanto na diversidade de tipos de microrganismos quanto no grau de patogenicidade. Isso ocorre devido à presença de agentes transmissores de doenças zoonóticas no necrochorume (Bentubo 2007).

A causa de morte nos seguintes grupos: traumatismos; doenças infecciosas (englobando aquelas causadas por bactérias, vírus e fungos); doenças parasitárias; intoxicações (tanto as de origem acidental quanto as criminosas ou medicamentosas); neoplasias; senilidade (mortes



naturais pelo envelhecimento); doenças metabólicas (referentes às enfermidades que interferem diretamente no metabolismo global do organismo, incluindo as insuficiências renal e hepática, entre outras); doenças cardiocirculatórias (abrangendo todas as doenças determinantes de insuficiência circulatória); doenças neurológicas; doenças congênitas e/ou hereditárias e, finalmente, as ortopédicas nas quais foram incluídas as doenças osteoarticulares, excluindo-se as fraturas que ficaram no grupo dos traumatismos (Bentubo, 2007).

De acordo com a definição da Organização Mundial de Saúde, zoonoses são doenças ou infecções que podem ser naturalmente transmitidas entre animais vertebrados e seres humanos (OMS, 2016). A literatura médica documenta mais de 200 tipos de zoonoses, causadas por diversos microrganismos, como vírus, bactérias, fungos e protozoários, entre outros. Estima-se que pelo menos 61% das infecções humanas tenham origem em animais, e esse índice pode chegar a 75% quando se consideram doenças novas e emergentes (Acha; Szyfres, 2001; Zanella, 2016).

Ou seja, o cuidado com o descarte dos animais domésticos mortos faz-se essencial, sendo uma demanda que passa pelos tutores, profissionais da área, representantes de entidades do terceiro setor e poder público, no que se refere aos órgãos responsáveis pelo cuidado com o meio ambiente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Pesquisa foi realizada no município de Naviraí, que está situado na região meridional do estado de Mato Grosso do Sul e sul da região Centro-Oeste do Brasil, a 57 km da divisa com o estado do Paraná. A população da cidade de Naviraí (MS) chega a 50.457 pessoas no censo de 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023).

Por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas com profissionais, entidades ligadas ao setor de “pets” e com pesquisadores das áreas de medicina veterinária e saúde pública, levantaram-se dados que pudessem nortear os procedimentos da pesquisa. O presente trabalho tem por natureza a abordagem qualitativa. Segundo Lüdke e André (1986) uma pesquisa qualitativa pressupõe o estabelecimento de um ou mais objetivos, a seleção das informações, a realização da pesquisa de campo.

A partir de exploratória, para Marconi e Lakatos (2017) é uma forma de investigação prática que busca abordar uma pergunta ou problema com três objetivos principais: desenvolver uma hipótese, aprimorar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, evento ou fenômeno



em análise, e fornece uma base para pesquisas futuras mais precisas.

Ocorreu a coleta de dados interpretativos que são informações coletadas de forma qualitativa que exigem uma análise reflexiva e interpretativa para compreender o seu significado e contribuir para o entendimento mais amplo da pesquisa. A partir de um roteiro de entrevista semiestruturado, a pesquisa de campo foi realizada com diferentes sujeitos, que apresentaram direta relação com a temática do artigo, o descarte inadequado de animais de estimação mortos. Entre setembro e outubro de 2023, foram entrevistados: *i)* o gerente de meio ambiente do município; *ii)* a representante da ONG de proteção aos animais; *iii)* o veterinário-chefe do município; *iv)* três responsáveis técnicos (médico-veterinários) de clínicas. A entrevista é definida como uma interação entre dois ou mais indivíduos para recolher informações importantes que pode atribuir de forma significativa à pesquisa (Batista; Matos; Nascimento, 2017).

A análise de dados na pesquisa qualitativa consiste na preparação e organização dos dados para análise, depois a redução dos dados em tema por meio de um processo de criação e condensação dos códigos e, finalmente, da representação dos dados em figuras, tabelas ou discussão (Creswell, 2014). Como análise de dados desempenha um papel fundamental na ordenação e interpretação das informações coletadas. No contexto desta pesquisa, focalizou-se a análise do conteúdo das respostas provenientes das entrevistas. Conseqüentemente, os dados adquiridos foram transcritos na sua totalidade e, em seguida, submetidos a uma análise à luz da teoria, com o propósito de compreender a dinâmica prática dentro do mercado investigado. Este processo permitiu uma abordagem mais aprofundada, enriquecendo a compreensão dos dados coletados ao considerar tanto a perspectiva teórica quanto a aplicação prática no cenário do mercado examinado.

Assim, por meio da aplicação da metodologia, a pesquisa visa realizar uma análise introdutória e proporcionar uma reflexão sobre o impacto ambiental do destino inadequado de animais de estimação *pets* mortos.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 PERSPECTIVA DO GERENTE DE MEIO AMBIENTE

A partir da entrevista desenvolvida com o gerente de meio ambiente do município, foi



possível observar importantes fatos. Foi questionado no município existe uma política de descarte de animais de estimação mortos. O mesmo mencionou que existe sim uma política da prefeitura, nestes termos.

“Sim, temos um programa que busca o animal em casa e dá o destino adequado”
Gerente de meio ambiente

Seguindo esse contexto também foi questionado, quais são as políticas atuais em relação ao descarte de animais domésticos no município.

“Nos dias de hoje se você tem um pedaço de terra no quintal da sua casa é claro que vai ser enterrar ali, obviamente é a cultura local.”
Gerente de meio ambiente

Em seguida do indagado se esses animais que forem descartados de forma inadequada tiverem alguma doença que possa contaminar, por conta de alguma enfermidade, ele precisaria de um cuidado diferente.

“Por si só já necessita de um tratamento diferenciado, justamente por conta de risco de contaminação do solo, principalmente por conta de outros animais que você virá a ter naquele mesmo ambiente.”
Gerente de meio ambiente

O mesmo ainda amplia sua fala dizendo, que esses animais que tiveram algum tipo de doença, naquele ambiente, o local precisaria passar uma esterilização, para futuramente ao ter um outro animal ele não contraia a mesma doença. Neste contexto, foi perguntado o que é feito com esses *pets* mortos, e de que forma é essa coleta.

“É coletado, e em um saco leitoso, é embalado, datado, especificado a causa da morte, todas as informações, isso é um procedimento regulamentado por lei, e destinado como resíduo de saúde, a prefeitura tem um contrato com uma prestadora de serviço, que periodicamente vem ao município coletar os resíduos de saúde, e é levado a cremação”
Gerente de meio ambiente

Perguntado sobre a população conhecer o serviço de coleta desses animais mortos o próprio responde.

“Posso estar cometendo um erro, mas me arrisco a dizer que mais de 90% ou até mais da população, não tem ideia de que existe um procedimento, para fazer a destinação desses *pets* que venham a morrer.”
Gerente de meio ambiente

Segundo o Gerente do meio ambiente, Naviraí possui uma demanda de resíduos coletados por uma empresa terceirizada, sendo que a coleta de resíduos é cobrada por quilo, com um gasto em média de 200 a 300 mil reais por ano, mesmo com esse programa de coleta não sendo divulgado. Foi questionado sobre um crematório se tem alguma possibilidade um possível pólo de cremação para animais no nosso município.

“Vejo que seja mais uma demanda para iniciativa privada, porque aí nada impede do poder público, em se instalando um crematório tanto para seres humanos, quanto para animais pets, isso vai suprimindo uma demanda regionalizada, inclusive das prefeituras”

Gerente de meio ambiente

Assim, observa-se que por parte do gerente de meio ambiente existe conhecimento, preocupação e iniciativas para mitigar os impactos ambientais do descarte inadequado de *pets*. Contudo, o projeto ainda é pouco conhecido e utilizado pela população, que, talvez por justificativas culturais, ainda descarta o animal doméstico morto de forma inadequada.

4.2 PERSPECTIVA DA ONG

À segunda entrevistada, gerente e responsável pela ONG de proteção aos animais de Naviraí, foi questionado de que forma é feita essa coleta dos animais que morreram na clínica.

“A prefeitura disponibiliza um serviço de coleta de animais mortos. Em geral ligamos e pedimos para buscarem, ensacamos antes, como a maioria dos animais que perdemos morrem nas clínicas a coleta é feita diretamente de lá”

Gerente da ONG

Seguindo a entrevista, é questionada sobre como é feito esse descarte desses *pets* mortos, sendo que a mesma completa dizendo.

“Não sabemos muito sobre o processo do descarte, fomos informados que eles enterram naquele aterro ao lado do parque de exposições.”

Gerente da ONG

Sobre os impactos ambientais e o destino inadequado desses animais mortos podem causar algum dano ao solo.

“Honestamente não sei dizer quais impactos podem causar ao solo, mas acredito que não seja a forma mais correta. Inclusive muitos tutores preferem enterrar por conta



própria em seus quintais ou algum outro local, justamente por não ter local realmente apropriado.”

Gerente da ONG

Observando o cenário atual, com o crescimento do mercado *pet* nos últimos anos, acredita-se que um serviço específico para esse descarte seja viável, dessa forma ela ressalta.

“Acredito que um serviço voltado para essa finalidade seria interessante pois a busca por serviços para *pets* tem crescido muito, é só ver o tanto de clínicas e *petshops* que temos em nossa cidade atualmente”

Gerente da ONG

Ainda questionando a responsável pela ONG, pode se dizer que a cremação seria um bom negócio para nossa cidade.

“Dependendo do valor do serviço acredito que seria uma ótima alternativa, a cremação a meu ver seria a melhor opção.”

Gerente da ONG

Na visão da responsável pela ONG, a mesma alega conhecimento sobre o protocolo de recolhimento de animais mortos, porém desconhece a prática de descarte realizada pela gerência de meio ambiente. A falha pode ser atribuída, dentre outros fatores, por má divulgação ou falha na comunicação entre os atores. Sob outro aspecto, observa que existe um mercado a ser explorado, em sua perspectiva, tanto oportunidades no setor de descarte quanto cremação.

4.3 PERSPECTIVA DO VETERINÁRIO-CHEFE DA PREFEITURA

Na sequência de entrevistas, a primeira pergunta se refere a quais impactos o destino inadequado pode causar ao meio ambiente.

“No fato de enterrar esses animais em lugares inadequados, uma possível contaminação dos lençóis freáticos” além de “estar sendo jogados em vias de rodovias vicinais do município e a questão do mal cheiro e atração de aves e urubus.”

Veterinário-chefe da prefeitura

No mesmo contexto, é questionado sobre a possibilidade desse descarte afetar o ecossistema local do município.



“Acaba entrando em desequilíbrio por fato de outros animais revirar esses animais mortos, atraindo lagartos, urubus e outros animais silvestres que podem interferir nos ecossistemas.”

Veterinário-chefe da prefeitura

Quando perguntado sobre as substâncias químicas que podem apresentar riscos ambientais em relação aos descartes inadequados.

“Todo animal morto que estava fazendo algum tipo de tratamento ele pode ter em seus resíduos, uso de diclofenaco, carrapaticida que um poder de residual longo, que além de contaminar o solo podem matar até outros animais.”

Veterinário-chefe da prefeitura

Em relação à maneira dos descartes inapropriados contribuir para a saúde pública no município. O Veterinário chefe do município ressalta.

“ Toda vez que esse animal morto é descartado perto de bairros ou até mesmo assentamentos a qualidade do ar fica comprometida, mal cheiro, atração de outros animais, é assim que a população acaba sofrendo o dano”

Veterinário-chefe da prefeitura

Buscando a saber quais alternativas mais sustentáveis e ecologicamente corretas para lidar com esses falecimentos desses pets mortos, o mesmo reforça.

“Toda empresa que trabalha com resíduo de saúde, ela tem que ter um programa descrito por um engenheiro ambiental do programa do controle de resíduo, no caso dos animais todas as clínicas, ambulatórios, consultórios, esses animais mortos são embalados em sacos plásticos leitoso, congelados e identificados, até que a empresa terceirizada recolha e faça a incineração.”

Veterinário-chefe da prefeitura

Dessa forma, a conscientização pública sobre o impacto ambiental do destino inadequado de *pets* mortos pode ser aumentada para promover práticas de descarte mais responsáveis. Ele frisa que o trabalho de educação em saúde, e acrescenta que.

“Poderia ser feito pela vigilância sanitária, nas escolas, até mesmo pelo abrigo, na prevenção do combate aos maus tratos poderia inserir esse contexto desse tema, mas tem outras prioridades mais importantes.”

Veterinário-chefe da prefeitura

Na visão do veterinário-chefe da prefeitura, os perigos para o meio ambiente são notórios, sendo necessário e urgente investir na conscientização e educação, a começar pela educação básica. Contudo, argumenta que, embora importante, ainda existem outras demandas mais urgentes e prioritárias.

4.4 PERSPECTIVA DOS DONOS DE CLÍNICAS VETERINÁRIAS

Seguindo nesse contexto de entrevistas, foram entrevistados três donos de clínicas veterinárias, aqui denominados como doutores veterinários A, B, C. De início foi perguntado aos mesmos, quais os procedimentos após a morte desses animais na clínica.

“Ele é armazenado e congelado e depois passado para o pessoal da coleta, que passam uma vez por semana, e levam para a incineração”
Doutor veterinário A

“É congelado e encaminhado para uma empresa terceirizado da prefeitura” e diz que “é feito o que a normativa da vigilância sanitária orienta, que é congelar e a empresa vir recolher”
Doutor veterinário B

“Alguns levam para enterrar, outros deixam para fins da clínica veterinária, que é congelada e passada para a empresa Atitude que faz a coleta do lixo hospitalar”.
Doutor veterinário C

Para oferecer esse serviço de maneira apropriada, o animal de estimação deve ser armazenado e congelado antes da coleta. O procedimento envolve a permanência do *pet* na clínica até que a coleta seja realizada, sendo, posteriormente, tratado como resíduo, esse processo tem um custo, e tem cliente que não aceita pagar por esse serviço, assim ressalta.

“Raramente levam, mas os poucos que levam enterram no próprio quintal mesmo por conta de afinidade com seu animal”
Doutor veterinário A

“Se o tutor quiser levar ele leva, enterra e faz o destino que ele quer, mas nós fazemos o que a normativa da vigilância recomenda”
Doutor veterinário B

“A maioria os prefere dar o destino a enviar para esse lixo hospitalar, que tem custo e acaba dificultando um pouco”
Doutor veterinário C

Desta forma, questiona-se se esses animais que morrem apresentam algum potencial de risco ambiental, e qual impacto ambiental ele pode trazer.

“Alguns sins, por conta de transmitir doenças para outros animais.”
Doutor veterinário A

“Acho que é muito pouco para ser um risco ao meio ambiente, mas tem a questão sanitária, dependendo das causas da morte não indico levar.”
Doutor veterinário B



“Sim, porque tem algumas doenças que é infecto contagiosas, que o ideal fosse cremado”

Doutor veterinário C

Questionado qual seria o destino adequado que os tutores têm que dar para esses *pets* mortos.

“O destino correto quem faz são as clínicas, com congelamento e depois encaminhar para empresa a destino de lixo hospitalar”

Doutor veterinário A

“Além de levarem para casa, o certo é mandar fazer a cremação, ou deixar para nos fazer o que a gente faz.”

Doutor veterinário B

“Que tivesse algo mais acessível para ser feito, cemitério de cachorro, ou um crematório municipal, alguma coisa com o custo mais reduzido.”

Doutor veterinário C

Sabendo que no município existe uma política de descarte de animais de estimação mortos, abordou-se esse assunto, se a prefeitura municipal desenvolve algum trabalho, projeto em relação a esse destino inadequado, assim responderam.

“Sim, temos um contrato com a prefeitura, eles passam recolhendo esse resíduo toda semana.”

Doutor veterinário A

“Do destino inadequado não, mas como já falei, a uma empresa terceirizada que a prefeitura paga para fazer o recolhimento na nossa clínica.”

Doutor veterinário B

“Que eu conheço não faz.”

Doutor veterinário C

Assim questiona-se se a prefeitura deveria desenvolver algum trabalho de coleta de animais mortos, bem como se acredita que a divulgação deveria ser mais bem desenvolvida.

“Aplicada já é nas clínicas, tem que ver a questão dos que morrem sem ser nas clínicas, mas ser divulgado aos cidadãos que têm esses serviços seria ótimo.”

Doutor veterinário A

“Não, porque na verdade quem direcionam são as próprias clínicas, que já tem uma direção da vigilância sanitária.”

Doutor veterinário B

“Sim, e seria ótimo se eles desenvolverem alguma coisa facilitaria para todos os proprietários, clínicos veterinários, até mesmo nos custos.”

Doutor veterinário C

Completando que a coleta de animais mortos poderia ser uma oportunidade de negócio, uma iniciativa para uma empresa privada, se discute se a cremação seria uma alternativa ecologicamente correta.

“Com certeza, tudo varia do preço que for cobrado, no município maior cobra mais, em outro cobra menos,” ele acrescenta “o custo pode ser alto de princípio, mas pensando em um retorno e ser bem divulgado, pode ser que se pague, mas o melhor destino é a cremação.”

Doutor veterinário A

“Essa empresa da coleta já é uma, não seria viável uma empresa de cremação na cidade, já que tem uma empresa específica que já faz esse recolhimento e que vai para incineração”

Doutor veterinário B

“Sim, com uma empresa privada as coisas fluem mais rápido, então é uma oportunidade, e tem demanda e a única coisa é a parte dos custos, que seria uma coisa mais acessível se tivesse algo com privado e municipal, os dois juntos, invés de mandar para fora, faria aqui mesmo na cidade”

Doutor veterinário C

As entrevistas foram encerradas com uma última pergunta para os doutores veterinários, o que pode se fazer ao destino desses restos mortais, e ambos finalizam.

“A cremação, tem custo e benefícios, o custo hoje é alto.”

Doutor veterinário A

“A cremação, é o mais sanitário mesmo e impacto ambiental menor.”

Doutor veterinário B

“A cremação, que não ocupa espaço, e você consegue eliminar toda as partes contaminantes.”

Doutor veterinário C

Assim, a partir das contribuições dos médico-veterinários, pode-se considerar que os riscos ambientais ocorrem, que o ideal é dar o encaminhamento conforme protocolo e legislação específica, porém, muitos tutores julgam o custo de destino adequado dos restos mortais do *pet* caro. Assim, muitos não destinam adequadamente. Outro aspecto importante, observa-se que a cremação seria o melhor destino aos animais mortos e, quando ao mercado, os mesmos se dividem quando a oportunidade de negócio, sendo uma das alternativas indicadas, as parcerias entre setor público e privado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, observa-se que a ascensão notável da indústria *pet* no Brasil, aliada ao expressivo aumento no número de animais de estimação no país, bem como uma mudança na



relação entre os brasileiros e seus *pets* reflete uma mudança significativa. O mercado, em franca expansão, demonstra não apenas uma preocupação crescente com o bem-estar dos animais, mas também com a humanização cada vez mais evidente desses companheiros. Contudo, essa evolução traz consigo um desafio ambiental significativo: o descarte inadequado de animais de estimação mortos.

A falta de conscientização e práticas ambientalmente responsáveis relacionadas ao destino dos *pets* após a morte emerge como o cerne do problema. O aumento da contaminação do solo e da água, a disseminação de doenças, a poluição atmosférica e a ausência de regulamentação eficaz são consequências diretas dessa lacuna. Este cenário desafia a sustentabilidade ambiental e a saúde pública, tornando imperativo abordar a questão de maneira abrangente.

A pesquisa teve como proposta investigar os impactos ambientais derivados do descarte inadequado de animais de estimação, destacando a necessidade de práticas mais responsáveis e políticas públicas eficientes. A análise não se restringe apenas ao aspecto ambiental, mas também explora oportunidades de negócios sustentáveis e destaca a importância da conscientização da sociedade sobre o tema.

O Brasil, sendo o terceiro maior mercado *pet* do mundo, deve liderar esforços para mitigar esses impactos, alinhando o crescimento da indústria com responsabilidade ambiental. A pesquisa, realizada no município de Naviraí, Mato Grosso do Sul, fornece uma perspectiva localizada, mas os resultados podem ter implicações em nível nacional, considerando a relevância do tema.

Tanto a perspectiva da gerente da ONG, quanto ao veterinário da prefeitura, chegam à convicção de que a implementação de um crematório acessível é a melhor solução para enfrentar os desafios do descarte ético de animais mortos em nossa cidade, visão corroborada pelos médico-veterinários; na perspectiva da prefeitura, a adesão ao crematório não é tão explícita, considerando-se, porventura, os investimentos necessários e a escassez de recursos da pasta de meio ambiente. Este enfoque não apenas atende às exigências ambientais e sanitárias mais elevadas, mas também abraça a necessidade imperativa de tornar esses serviços acessíveis a todos os estratos sociais. Um crematório que não apenas honre a dignidade dos animais, mas que também considere a diversidade econômica de nossa comunidade, garantindo custos acessíveis e promovendo uma cultura de responsabilidade compartilhada.

Já na perspectiva do gerente de meio ambiente, o município precisa de uma divulgação maior desse serviço oferecido a coleta desses animais mortos e realizar campanhas educativas



para conscientizar a população sobre os perigos do descarte inadequado desses animais mortos e promover práticas seguras; a divulgação e conscientização em escolas também é compartilhada pelo médico-veterinário chefe da prefeitura. Já na visão dos clínicos veterinários, um crematório para o município é a melhor opção, mesmo sendo uma empresa privada e/ou em parceria prefeitura, traz não só para o município, mas para a região a procura dos serviços prestados.

As implicações científicas resultantes do estudo ampliam significativamente o escopo da pesquisa em administração ao oferecer uma abordagem específica para questões ambientais relacionadas ao tratamento e descarte de animais mortos. Esse enfoque contextualizado cria espaço para novas direções e pesquisas em áreas emergentes da administração ambientalmente responsável, promovendo a necessidade de investigações adicionais e debates relevantes sobre o tema. Além disso, o estudo reconhece o mercado *pet* como altamente lucrativo, estável e com potencial de crescimento, sendo assim uma grande oportunidade de negócio para a cidade de Naviraí. Fazer um plano de negócios para verificar a viabilidade econômica do negócio, tanto de recolhimento de animais quanto um crematório, seria condição essencial.

Enfim, conclui-se que o problema ambiental, derivado do descarte inadequado dos restos mortais dos animais de estimação mortos, é, dentre outras coisas, reflexo de apego cultural à costumes arraigados, como enterrar ou abandonar animais de estimação mortos de maneira imprópria, bem como resultado da falta de investimento em educação ambiental, que deve começar desde cedo, para formar cidadãos conscientes e responsáveis pelas suas ações. Nesse contexto, emergem possibilidades de ação, tanto no que se refere a políticas públicas, bem como potenciais oportunidades de negócios futuros a serem exploradas.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Tatiana et al. Mercado pet em ascensão-hotelaria para cães e gatos em São Paulo (Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 2, n. 4, p. 102-123, 2008.

Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET). Disponível em: https://abinpet.org.br/wp-content/uploads/2023/07/abinpet_folder_dados_mercado_2023_draft5.pdf. Acesso em novembro de 2023.

BRASIL, S. P. C. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS [CNDL]. **Mercado de consumo pet**. São Paulo: SPC BRASIL, 2017.



BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L.; NASCIMENTO, A. B. A Entrevista Como Técnica De Investigação Na Pesquisa Qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 23–38, 2017.

CRESWELL, John W. *Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa-: Escolhendo entre Cinco Abordagens*. Penso Editora, 2014.

DALMAS, E. G. O comportamento do consumidor de produtos e serviços do mercado pet quanto aos cuidados com os animais de estimação. 2019. 75f. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade de Caxias do Sul.

DE SOUZA, Ana Flávia Bezerra. O MERCADO PET BRASILEIRO: Uma análise de 2012 a 2017. **Revista Eletrônica de Debates em Economia**, v. 7, n. 1, 2019.

ELIZIERE, M. B. **Expansão do mercado pet e a importância do marketing na medicina veterinária**. 2013. 51f. Monografia (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FARACO, C. B. **Interação Humano-Animal**. Ciência veterinária nos trópicos. Recife. v 11. 2008.

FERREIRA, Janaina. **Implantação de forno crematório animal no município de Guarulhos**. 2019.

FIGUEIREDO FILHO, Yadyr Augusto; PACHECO, Alberto. Cemitérios de animais domésticos e impactos ambientais. **Águas Subterrâneas**, 2010.

GAEDTKE, Kênia Mara et al. " **Quem não tem filho caça com cão**": animais de estimação e as configurações sociais de cuidado e afeto. 2017.

GEISSLER, Ana Cristina Jardim; JUNIOR, Ademar Pozzatti; DISCONZI, Nina. Reconhecimento dos animais de estimação como membros da família multiespécie, no ordenamento jurídico-brasileiro. **Fronteiras da bioética: os reflexos éticos e socioambientais**, p. 13, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>. Acesso em novembro de 2023.

LIMA, Clara Cynthia Melo et al. Entre a estima pelo animal e o risco à saúde: os saberes e as experiências dos proprietários de cães com leishmaniose. 2015.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativa**. São Paulo. EPU. 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017.



MENEZES, Wanessa Basílio de. **Meu pet morreu, e agora? uma análise acerca da destinação de animais domésticos de estimação no município de Natal-RN à luz da legislação brasileira.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MOTTA, Ronaldo Seroa da; **Mudança do Clima no Brasil: aspectos econômicos, sociais e regulatórios.** 2011.

REBELO, Zélia Irina Lucas et al. **Caracterização dos comportamentos de tutores de animais de estimação numa amostra não probabilística.** 2016. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Carolina S. dos. **Funções de apoio exercidas por cães na perspectiva de seus tutores: seriam os cães apenas amigos?** 2022.

OLIVEIRA, Déria de et al. **O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda.** 2013.

APÊNDICE I - Roteiro de entrevista

Aplicado ao gerente de meio ambiente do município, Representante da ONG de proteção aos animais; Veterinário-chefe do município.

1. Quais os impactos ambientais do destino inadequado de pets/animais mortos?
2. A ONG tem alguma atuação/trabalho desenvolvido no que se refere ao descarte de animais/pets mortos?
3. De forma geral, o que acredita que os donos de pet fazem com os corpos/que destino dão aos animais/pets mortos?
4. Em sua visão, o que os donos de pets deveriam fazer/que destino deveriam dar aos animais/pets mortos?
5. Sabe dizer se a administração municipal/prefeitura desenvolve algum trabalho/projeto em relação ao destino adequado dos pets mortos?
6. Se a prefeitura desenvolve algum trabalho de coleta de animais mortos, acredita que a divulgação deveria ser ampliada?
7. Pensa que a coleta de animais mortos poderia ser uma oportunidade de negócio para a iniciativa privada?
8. A cremação seria uma alternativa ecologicamente correta para o destino dos animais mortos? Acredita que seria possível ser desenvolvida em Naviraí?
9. Qual acredita que seria o melhor destino aos restos mortais de animais/pets?

APÊNDICE II - Roteiro de entrevista

Aplicado aos responsáveis técnicos (médico-veterinários) de clínicas veterinárias

1. O que é feito com o animal/pet quando morre na clínica?
2. Os tutores costumam levar os animais mortos para dar um destino ao corpo?
3. Sabe dizer o que os tutores costumam fazer com os restos mortais dos animais?
4. O destino inadequado dos restos mortais do animal que morreu doente representa riscos ao meio ambiente?
5. Quais os impactos ambientais do destino inadequado de pets/animais mortos?
6. Em sua visão, o que os donos de pets deveriam fazer/que destino deveriam dar aos animais/pets mortos?
7. Sabe dizer se a administração municipal/prefeitura desenvolve algum trabalho/projeto em relação ao destino adequado dos pets mortos?
8. Se a prefeitura desenvolve algum trabalho de coleta de animais mortos, acredita que a divulgação deveria ser ampliada?
9. Pensa que a coleta de animais mortos poderia ser uma oportunidade de negócio viável para a iniciativa privada?
10. A cremação seria uma alternativa ecologicamente correta para o destino dos animais mortos? Acredita que seria possível ser desenvolvida em Naviraí?
11. Qual acredita que seria o melhor destino aos restos mortais de animais/pets?